

Quem conhece Elizethe Borghetti, de perto, pelo prisma de sua postura temperamental, lhe receitaria o fluir de uma modalidade artística para a canalização de sua vitalidade cativante. Felizmente suas comportas, há. Muito se abriram para as artes plásticas. Essa coragem de ser contrária aos preconceitos. Possibilitando evasão às vibrações de um grafismo nervoso, ágil, espontâneo, atrevido e sem retoques. Antes um tanto amordaçado ao preto ibereniano, sem tonalidade, e repetitivo. Mas, agora constatamos o esforço considerável para a anulação desse incómodo maneirismo os seus desenhos, antes apenas coloridos, transformaram-se na nova fase, valendo-se da colagem de cédulas inflacionárias, rótulos em vasilhames, enfrentando teoremas de ordem pictórica. Os negros germinando maior fertilidade tonalista.

Elizethe nos apresenta, na presente mostra, temas diversos e mutantes com o seu temperamento irrequieto. Nós, naturezas mortas, flores, cercados por elo pessoal, estereotipado numa iconografia latente, que embarca rumo a sensações desconhecidas.

Sempre fui admirador, amigo mudo, e entusiasta dessa combatente inarredável. Ela que, num país como o nosso, empunha a bandeira da teimosia profissional de uma carreira artística situada na esquecida ilha da cultura. Temperada com o aço da persistência tem obtido a comprovação meritória de seu talento. Conquista sua arte o alcance de uma abertura sensitiva a ser sintonizada por seus admiradores.

Mas além de minhas considerações falam suas obras. Brindemos a Elizethe, pois, pela ocasião que nos oferece com o belo visual de suas propostas.

Danúbio Gonçalves
PoA, 2/7/1990